

A LITERATURA E O IDOSO: RODAS DE LEITURA COMO TERAPIA

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO ALVES*

Resumo: *Questões relativas às políticas públicas de melhoria da qualidade de vida dos idosos são objeto de inúmeras pesquisas nos âmbitos nacional e internacional. Parte-se do pressuposto de que a pessoa, na fase da velhice, tem o direito de viver e conviver em ambientes sociais, partilhar experiências com a coletividade que favoreçam sua inserção nos segmentos sociais de forma prazerosa e produtiva e o direito ao aumento de sua longevidade. Caminhando por esta via, esta pesquisa-ação, realizada em 2016 na comunidade Todos os Santos do município de Teresina, Piauí, Brasil, utilizou-se de rodas literárias como mecanismo de terapia, com atividades programadas e desenvolvidas para cerca de 20 idosos, numa escola da mesma municipalidade. Ao final, observou-se que as rodas literárias terapêuticas impulsionaram a melhoria da qualidade de vida, no que tange ao paradigma mental e social, uma vez que este espaço tornou-se um ambiente favorável ao diálogo entre os idosos e abriu caminhos para a convivência interativa.*

Palavras-chave: *Idoso; Roda de leitura; Literatura; Qualidade de vida.*

Abstract: *Issues related to public policies to improve the quality of life of the elderly are the subject of research at national and international levels. It is based on the assumption that people in old age have the right to live and coexist in social environments, share experiences with the community that favour their insertion in social segments in a pleasant and productive way and the right to increase their longevity. Walking along this path, this action research, carried out in 2016 in the Todos os Santos community in the municipality of Teresina, Piauí, Brasil, used literary circles as a therapy mechanism, with activities programmed and developed for about 20 elderly people in a school in the same municipality. It was observed that the therapeutic literary circles boosted the improvement of the quality of life, with regard to the mental and social paradigm, since this space became a favourable environment for dialogue between the elderly and paths for interactive coexistence.*

Keywords: *Elderly people; Reading circle; Literature; Quality of life.*

INTRODUÇÃO

A construção da identidade da sociedade alfabetizada brasileira traz consigo uma história de luta social marcada por movimentos distintos de grupos de alfabetização, principalmente aqueles provenientes de movimentos sociais datados da segunda década do século XX. Tais movimentos se destacavam pela busca de uma formação favorável para os professores, bem como uma legitimação do sistema educacional brasileiro. Toda a conjuntura social da educação brasileira entre a segunda e a sexta década do século XX trouxe à tona a necessidade de um sistema que contemplasse

* Secretaria Municipal de Educação – SEMEC – Teresina – PI. Email: mpsalves2010@hotmail.com.

os jovens e idosos analfabetos, principalmente aqueles provenientes do campo. A partir daí, surgiram programas que propunham uma perspectiva de alfabetização para jovens e adultos. Dentre eles se destacaram o MOBREAL e o MEB em meados da década de 60.

O Movimento de Educação de Base – MEB foi criado em 21 de março de 1961, pelo decreto n.º 50.390, que, apesar de ser vinculado ao Ministério da Educação, foi idealizado pela Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros – CNBB, e tinha por objetivo a alfabetização de jovens e adultos do campo nas regiões norte, nordeste e centro-oeste do país. Já o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL foi instituído pelo decreto 62.455 de 22 de agosto de 1968, e tinha como funcionalidade pôr em prática o Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada para adolescentes e adultos, tendo como objetivo promover a educação continuada de analfabetos acima de 15 anos.

Nesse contexto, com o surgimento de uma Educação para Jovens e Adultos no Brasil mesmo sem uma política de controle, avaliação e progressão, o principal objetivo de programas como os acima citados era apenas que seus alunos aprendessem a ler e escrever.

Não é difícil imaginar que ainda neste século existam deficits no ensino da população brasileira, principalmente no que tange às maiores faixas etárias, às populações rurais e às regiões de baixo poder aquisitivo. Haja vista que no Brasil ainda há regiões povoadas distantes dos centros de ensino. Assim, diante desse cenário, esse artigo relata as experiências vividas por um grupo de 20 idosos em rodas literárias, moradores de uma comunidade rural na municipalidade de Teresina, Piauí, Brasil, sendo dois deles analfabetos que não tiveram oportunidades de estudos na sua juventude.

Após levantamento e diagnóstico da vulnerabilidade social dos idosos da comunidade, tais como o isolamento, as doenças psicossomáticas e o abandono, verificou-se a necessidade de aplicação da pesquisa-ação, tendo em vista a possibilidade de intervenção direta, para a amenização da problemática social. O método de estudo selecionado embasa-se nas postulações de Pimenta e Franco¹, que defende um posicionamento claro do sujeito pesquisador e a apresentação clara dos objetivos da pesquisa e do compartilhamento das análises, bem como o envolvimento dos sujeitos pesquisados de modo participativo e interativo.

Quanto aos procedimentos de análise, utilizaram-se como subsídio, além do autor já mencionado, os trabalhos desenvolvidos pela UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade), Bosi² e o Estatuto do Idoso, Lei n.º 10.741 de 2003. Sendo assim, a pesquisa apresenta como objetivo principal a melhoria na qualidade de vida e

¹ PIMENTA, FRANCO, *org.*, 2008.

² BOSI, 1994.

longevidade dos idosos. Deste modo, realizaram-se atividades de terapias ocupacionais, com destaque às rodas de leitura, o que se justifica por sua natureza interativa, além de um poderoso instrumento de construção e resgate do imaginário, (re)conduzindo o sujeito leitor ao universo dos sonhos e fantasias.

As ações, desenvolvidas quinzenalmente, oportunizaram a leitura de diversos textos literários, tais como contos, fábulas, poesias, lendas, perspectivando-se, sempre, a discussão acerca de questões relativas ao cotidiano, ao desenvolvimento psicossocial e às idiossincrasias que emergiam da vida dos personagens, relacionando-as às vivências pessoais dos pesquisados.

Ademais, constataram-se, partindo-se do texto literário, muitas experiências rememoradas, o que impulsionou prazerosas conversas, com o compartilhamento de experiências vivenciadas pelos idosos, elucidando o valor da literatura para a (re) construção do bem-estar físico, mental, emocional e social, por meio da imersão, do compartilhamento, da produção e reconstrução de uma literatura dos autores apresentados, mas também do próprio idoso.

A «MELHOR IDADE» X VELHICE

Do ponto de vista de que envelhecer é um processo irreversível e inexorável, há quem diga que ser idoso é estar perto do fim, no entanto estudos recentes demonstram que cada vez mais os idosos vivem melhor e têm em si o desejo pleno de viver. Todavia, ter uma vida longa incide em diversos fatores inerentes à idade de cada um de nós.

Quando optamos por uma vida sedentária estamos assinando um acordo íntimo de que a maturidade física juntamente com a maturidade psicológica podem interromper nossa vida a qualquer momento. Mentes e corpos ativos propiciam um envelhecimento tardio revelando que o aprendizado de um simples movimento pode significar a retração de uma dor crônica, bem como a leitura de um livro pode levar o idoso a sentir sensações inebriantes quando se depara com a descrição de um lugar que ele não teve oportunidade de visitar. Talvez seja daí que surgiu a primeira ideia do uso do termo «melhor idade», a interpretação de que o idoso tem a capacidade de viver saudável independentemente de sua idade cronológica. Ou seja, seu vigor físico, mental e social depende também da capacidade que ele tem de estar envolvido em projetos de acuidade de bem-estar, melhorando com isso a sua qualidade de vida.

Segundo Rodrigues³, o termo «melhor idade» é considerado um eufemismo que distorce em tese a palavra velhice, é um modismo criado para a infantilização do idoso. No entanto, para Barbieri⁴, «não se trata, portanto, de enquadrar a velhice

³ RODRIGUES, 2014.

⁴ BARBIERI, 2012.

na melhor ou na pior idade, mas sim poder manter tensionadas as diversas variáveis que se encontram no envelhecimento humano».

A definição do termo em nosso mundo tão contemporâneo parece uma simples retórica ou uma mera redundância: cada vez mais pessoas acima dos 60 anos têm buscado oportunidades que lhes assegurem qualidade de vida até mesmo nas regiões com menos oferta. Nos mais diferentes lugares surgem todos os dias grupos de socialização de danças, de artesanato, de educação física, e para aqueles que não tiveram a oportunidade de terminar a Universidade tem UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade. Todas essas possibilidades oportunizam ao idoso a chance de ter um projeto de vida ainda que saiba que não possa ser um centenário, mas isso incide na perspectiva de ter sua longevidade aumentada, uma vez que vive prazerosamente.

É bem da realidade de nossa sociedade associar o sujeito idoso à ideia de incapaz. Trata-se, pois, da banalização do direito de viver e viver com dignidade. Onde existe um idoso há também a sabedoria. Num sujeito que guarda suas vivências, sua história de vida pode alinhar-se ao conhecimento e ajudar a construir tantas outras histórias de vida. Para isso basta «que o velho continue sendo reconhecido socialmente como sujeito de direitos e desejos, podendo contar com o futuro como campo de realização de projetos compartilhados e reconhecidos por seus pares»⁵.

Apesar dos possíveis dilemas da terceira idade, como as doenças psicossomáticas, preconceitos, dificuldades com a mobilidade, entre outros, os idosos podem buscar caminhos possíveis para uma vida saudável e contribuir de forma significativa para a construção de uma realidade pautada no aprendizado compartilhado. Para isso, basta que esteja em um meio favorável e consiga de fato compreender que sua capacidade de produzir e de envolver não se extingue com o passar dos anos, e essa pode vir de fato a ser a sua idade melhor, aquela para que contribui despretenciosamente.

LITERATURA PARA TERCEIRA IDADE

Versando pelo direito de que a pessoa na fase da velhice tem a legítima garantia de inclusão social⁶, este artigo propõe que a literatura seja um mecanismo de inserção e reinserção da pessoa idosa em círculos de diálogos, com intuito de fortalecer e promover o bem-estar social e mental.

Em qualquer fase da vida, a leitura tem poder revigorante para o cérebro. Sendo uma atividade intelectual que incentiva a criatividade, a imaginação e o raciocínio, desempenha um papel relevante no retardo de doenças neurológicas degenerativas, estimulando com isso a saúde mental. Dessa forma, ler expande a mente, propiciando

⁵ BARBIERI, 2012.

⁶ *Estatuto do idoso*, 2010.

ao leitor elevar a autoestima, experimentar novas sensações, reduzir o estresse e melhorar a memória.

Os benefícios da literatura para idosos vão além do treino vocabular. Ao ler, o idoso mantém a mente ativa, incentivando os estímulos cerebrais, assimilando um novo aprendizado. Contudo, o contato com a história lida permite a interação com o desconhecido, levando-o à imaginação, evitando com isso o declínio cognitivo. Além do mais pode conhecer culturas, costumes e curiosidades de lugares que nunca viu. Bem disse Henry David Thoreau: «Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro».

Mas o que o idoso deve ler? Não existe uma definição clássica do que um idoso deve ler. Mas é possível, baseado no perfil dos leitores, fazer uma seleção de literatura plausível com as condições sociais e psicológicas de cada um. É relevante considerar que o ideal é levar o leitor à reflexão e ao envolvimento. Pode ser que ele próprio possa escolher seus livros de acordo com seus ideais de vida, seus sonhos, seus desejos, assim como um psicanalista escolheria uma obra comentada de Freud.

EXPLORANDO OS RELATOS

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade⁷.

As gerações passadas carregam consigo ricas memórias de vida, que podem vir a influenciar gerações futuras. Com base nisso, as rodas literárias desenvolvidas puderam revelar que, de posse da verdade dos relatos durante o processo de leitura, o idoso (re)construía sua própria história. Associando a leitura aos momentos vividos, cada um relembra como sua vida ao lado da família fora sendo construída, num misto de emoção e fluidez. Durante a leitura de trechos de *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, foi possível perceber o quanto se sentiram próximo da realidade da construção de suas casas, bem como da estruturação do primeiro lar.

Quando eu e meu marido chegamos aqui na comunidade não tínhamos nada. Fizemos nossa casinha de barro e depois de um tempo foi chegando os moradores. A gente se ajudava. Mas todo mundo tinha pouco. Idosa colaboradora da pesquisa

⁷ BOSI, 1994: 63.

As memórias não envelhecem e a arte da escrita permite revivê-las mesmo ainda que não se possa ler. Quando terminou a leitura de *A Última Crônica* de Fernando Sabino, tristemente X, que não sabe ler, fez a seguinte colocação: «Nunca comemorei meu aniversário com bolo. Sempre foi tão difícil criar os meus filhos, nunca sobrou dinheiro». Nesse momento, pode se constatar que a leitura do texto a aproximou de um desejo que tinha, mas que as dificuldades não lhe permitiam que desfrutasse de um bolo em seu aniversário. Mas num ato de bravura deixou claro que seu trabalho no campo foi de luta, no entanto foi ele que fizera com que criasse os filhos e eles tivessem uma vida diferente da dela.

Durante o desenvolvimento das rodas literárias, os sonhos, os desejos, as angústias e as alegrias iam se revelando. O contato com os livros trouxe um novo olhar para aqueles idosos que nunca tiveram a oportunidade de estudar e outros que não tiveram a chance de seguir adiante nos estudos. Para algumas integrantes do grupo, a construção da família foi um fator decisivo para que deixassem a escola, e para os dois homens o trabalho no campo e a distância da escola foram os fatores impeditivos para que estudassem. No entanto, ficou claro que os momentos que passaram desfrutando da companhia dos livros e das conversas entre si foram cruciais para que rememorassem os momentos felizes que tiveram, como os casamentos, os nascimentos dos filhos e as conquistas de toda uma vida.

O discurso interacional deu luz à construção da ideia de que o diálogo entre os sujeitos da pesquisa permitia abrir entre o próprio grupo uma relação de valorização do eu de cada uma daquelas pessoas. Estavam ali se permitindo entender que cada um escreveu ao longo de sua vida uma história à parte, e que todas elas têm uma relevância e deixam uma marca. Dessa forma, os relatos deram origem a um caderno de memórias que tem como objetivo guardar as lembranças vividas pelo grupo durante as rodas literárias, pois ali ficaram registrados momentos de interação social do grupo, fruto de uma convivência saudável. Trata-se da teorização de que o velho pode dar suas ricas contribuições à literatura, uma vez que suas histórias de vida podem vir a fazer parte de um referencial de estudos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas rodas literárias não houve um trabalho voltado para o letramento, o que se pretendia era proporcionar momentos prazerosos de envolvimento social com os idosos através dos momentos de leitura coletiva.

No desenvolver da pesquisa a pretensão era observar como os sujeitos poderiam se comportar diante dos livros e da leitura e o que eles acrescentariam nas suas vidas com base na interação coletiva, sendo o maior propósito promover momentos de prazer e ao mesmo tempo dar condições para que saíssem do isolamento social.

A iniciativa estimulou os idosos a contarem episódios interessantes de suas vidas e sobretudo como é possível potencializar uma escuta ativa para atender pessoas na fase da velhice. Contudo, a linguagem simples e real dos personagens pesquisados mostrou a partir da leitura que a comunicação social é um elemento crucial na segurança da qualidade de vida, não importa em qual idade estejamos.

BIBLIOGRAFIA

- BARBIERI, Nádia Alves (2012). *Velhice: melhor idade?* «O Mundo da Saúde». São Paulo: Centro Universitário São Camilo. 36:1, 116-119.
- BOSI, Éclea (1994). *Memórias e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ESTATUTO do idoso, 2010. [Consult. 28 nov. 2019]. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>.
- PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro, org. (2008). *Pesquisa em educação: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação*. São Paulo: Loyola, vol. 2.
- RODRIGUES, Sérgio (2014). *Nem «melhoridade» nem «melhor idade»*. «Veja online». [Consult. 24 set. 2019]. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/nem-melhoridade-nem-melhor-idade/>>.

